

Trabalho



Opinião

Juros altos: um dos vilões da crise econômica

Apesar de todo o esforço do governo para mascarar a "mea-culpa" pela crise econômica que o País atravessa, e insistir em sua política equivocada de manter a taxa de juros cada vez mais alta, jogando toda a responsabilidade nas costas dos trabalhadores, a verdade está aí, e só não a vê quem não quiser.

Os juros elevados, ao lado de outros fatores, são um dos principais vilões pela estagnação econômica que o Brasil vivencia, com o encarecimento do crédito, o sucateamento da indústria nacional, o estrangulamento da produção e a conseqüente inibição do con-

sumo, causadores da desindustrialização e da discrepante perda de postos de trabalho.

Manter os juros elevados para conter a inflação mostrou-se totalmente sem fundamento, pois o "dragão" está de volta, cada vez mais voraz. E o quadro não será revertido enquanto a política econômica do governo estiver a serviço dos banqueiros e dos grandes especuladores.

A culpa de tudo o que está aí é, sim, do governo. A nós, sindicalistas, trabalhadores e sociedade, cabe sustentar nossa luta por um País mais igualitário e justo socialmente. Uma luta, sem qualquer dúvida, bastante árdua!



Miguel Torres
Presidente da Força Sindical

INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

Na luta por uma indústria forte

Centrais Sindicais e empresários se unem em lançamento oficial da Coalizão Indústria-Trabalho

As Centrais Força Sindical, UGT e CGTB, e representantes de diversas entidades empresariais, se uniram pela recuperação da indústria nacional de transformação, que vem sistematicamente perdendo participação no PIB. Na década de 80, a participação do setor era de 35%, mas despencou para 12% em 2014. O primeiro passo foi dado ontem (6), com o lançamento oficial da Coalizão Indústria-Trabalho para a competitividade e o desenvolvimento, no Palácio das Convenções do Anhembi, com a presença de trabalhadores e empresários.

Sindicalistas e o patronal divulgaram um manifesto alertando a sociedade de que a competitividade da indústria da transformação nacional está sendo destruída. "Não estamos fazendo ato contra o governo, mas em favor do Brasil. O que está em jogo é o nosso futuro. Temos a responsabi-



Miguel: "Queremos uma indústria pujante e trabalhadores com salários dignos"



Dirigentes e trabalhadores lotaram o evento no Palácio das Convenções

lidade de trazer, para junto de nós, as outras Centrais Sindicais e empresários que ainda não participam da Coalizão. Precisamos ver os pontos que nos unem, pois todos queremos uma indústria pujante e os trabalhadores com salários dignos e benefícios sociais", declarou Miguel Torres, presidente da Força Sindical.

O deputado Paulo Pereira da Silva, Paulinho da Força, (Solidariedade-SP), observou que a indústria nacional vem sofrendo com o descaso. "Ou os trabalhadores e empresários de aliam ou nosso País não terá futuro. A conta chegou para nós. Vamos juntar forças para salvar a indústria nacional", disse.

O empresário Carlos Pastoriza, presidente da Abimaq/Sindimaq (associação e sindicato da indústria de máquinas), afirmou que "sem indústria o Brasil não será um país desenvolvido. É um grito de alerta", ressalta. Já o empresário Jorge Gerdau Johannpeter, do grupo Gerdau, disse estar convicto da vitória, "mas a batalha não será nada fácil". No manifesto, foram citados alguns pontos que impactam negativamente o resultado das indústrias: câmbio, juros elevados, cumulatividade de impostos e elevada carga tributária.

SINDIFÍCIOS

Sindicato da categoria luta contra projeto Vizinhança Solidária

O Sindifícios (Sindicato dos Trabalhadores em Edifícios e Condomínios de S.Paulo) é contra o projeto, desenvolvido em alguns bairros da cidade, chamado de Vizinhança Solidária, que se tornou conhecido tanto pelas soluções que promete como pela exploração ao trabalhador, que é obrigado a aderir. Os prédios que aderem ao projeto impõem que os porteiros passem aos porteiros vizinhos movimentações estranhas nas imediações.

"O projeto prejudica os porteiros

porque exige mais de uma função. O trabalhador vai vigiar o prédio em que trabalha e a rua, e certamente não desempenhará bem nem uma nem a outra função. No final, será responsabilizado pelas duas funções", afirma Paulo Ferrari, presidente do Sindifícios.

O rádio para a transmissão de mensagens (para alguns acompanhado de uma central telefônica e de um computador), já basta para afastar o porteiro das funções estabelecidas

em Convenção Coletiva.

Para muitos é um absurdo não proceder deste forma, pois todo cidadão tem de avisar a outro qualquer atitude suspeita. E como o porteiro vai negar? Só que isto está sendo imposto, é obrigatório, sob a ameaça da perda do emprego. E a vítima será o próprio trabalhador, que, além da ameaça de perder seu emprego, ainda fica à mercê dos marginais, que sabem quais edifícios aderem ao projeto, e passam a ameaçá-los.



Trabalhadores se mobilizam contra a obrigatoriedade da adesão



NA LUTA PELOS DIREITOS DOS TRABALHADORES

fsindical.org.br facebook.com/CentralSindical

imprensa@fsindical.org.br flickr.com/photos/forca_sindical

twitter.com/centralsindical youtube.com/user/centralsindical

